

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 12 – A história de um jovem e seus amigos

Daniel 1 a 6

Elaborado por Ana Maria Suman Gomes
anasuman@pibrj.org.br

O livro que iniciamos culmina esta série de estudos nos Profetas Maiores. Após refletirmos sobre as profecias de Jeremias e de Ezequiel, hoje nos aproximamos de Daniel que, em todo o seu livro, anuncia que o **Altíssimo reina** e que **os santos do Altíssimo um dia herdarão um reino que jamais será esquecido**. Daniel, profeta de Deus, cativo na Babilônia, foi o símbolo da resistência. O livro de Daniel nos interpela: frente às realidades do século 21, temos sido fiéis aos valores apregoados na Palavra de Deus ou temos permitido que as circunstâncias que nos rodeiam encontrem apoio e guarida em nossos corações?

Tradicionalmente o livro tem a autoria atribuída ao final do sexto século aC. Pesquisas recentes, no entanto, encontram apoio à idéia de que provavelmente a redação do livro foi bem mais tarde, em torno do segundo século, o que só realça a importância da vida de Daniel, que deixou a sua história gravada de tal modo no coração dos exilados que, mais tarde, foi registrada para nosso proveito e inspiração.

É bom destacar, de início, que, na Bíblia Hebraica, o livro se encontra após Ester e antes de Esdras e Crônicas, o que já acena para a importância que os judeus deram ao relato. Na versão Septuaginta está após Ezequiel, provavelmente porque Ezequiel atuou no exílio e as narrativas de Daniel se desenvolveram naquela época. O livro pertence ao tipo de literatura chamado apocalíptico, palavra que descreve revelação. A mensagem de Daniel pode ser dividida em duas partes bem distintas, a saber: 1ª. parte, que é a que vamos estudar hoje, composta de **narrativas palacianas**. Aqui encontramos os capítulos de 1 a 6. A segunda parte traz nova luz sobre o futuro, é a chamada **profecia apocalíptica**, (capítulos de 7 a 12).

De acordo com as datas fornecidas no livro, Nabucodonosor levou os jovens para a Babilônia em 605 aC. O sonho dele, objeto de destaque ainda hoje, aconteceu em 603aC. Daniel continuou no serviço do rei até o primeiro ano do rei Ciro, ou seja, 538aC. Recebeu a revelação no terceiro ano do rei Ciro, provavelmente no dia 23 de abril de 536 aC.

Os sete primeiros capítulos de Daniel, escritos em aramaico e em estilo de narrativa, têm como centro os reis históricos Nabucodonosor, Belsazar e Dario. Podem ser agrupados da seguinte forma: capítulos 2 e 7, sonhos dos quadros reinos. Capítulos 3 e 6, as chamadas “atas de mártires” e 4 e 5, juízo sobre os reis.

O livro começa com uma história. Acontece a partir da chegada dos cativos escolhidos para trabalhar com o rei. Eles deveriam apresentar as seguintes características, como se fossem pré-requisitos para a admissão em emprego nobre: sem defeito físico, de boa aparência, eruditos, inteligentes, que dominassem vários campos do conhecimento e que fossem capacitados para servir no palácio. Bastante rigorosa esta seleção, principalmente se nos lembrarmos que Daniel deveria estar com apenas 12 anos de idade, aproximadamente.

Daniel é apresentado juntamente com seus três contemporâneos: Hananias, Misael e Azarias. Os nomes dos quatro foram de imediato alterados, para que se conformassem aos desejos e costumes dos caldeus, anulando toda a referência ao Deus de Israel e dando-lhes nomes referentes aos ídolos babilônicos, como segue: Daniel, cujo significado é “Deus é meu Juiz” passou a se chamar Beltessazar, o favorecido de bel. Hananias ou “Protegido por Deus” agora é Sadraque, iluminado pelo sol. Misael, “Quem é como Deus”, passa a assinar Mesaque, quem é como

Vênus, deu da terra e Azarias ou “Aquele a quem o Senhor sustenta” recebe o nome de Abede-nego, deus do fogo. De imediato destacamos que, se a intenção foi a de anular a influência do único Deus na vida daqueles quatro, o trabalho foi desnecessário. O compromisso com Deus não estava nos nomes que receberam de seus pais, mas na decisão pessoal e na absoluta certeza que eles tinham de que pertenciam a um Deus, que era único, e que os havia criado e tirado seu povo da escravidão no Egito.

Daniel e seus colegas ocuparam lugar de importância na corte pagã. Era esperado que comessem certos alimentos que, com toda probabilidade, teriam sido, primeiro, oferecido a deuses pagãos. Para aquela cultura, os que comiam da comida participavam da vida da deidade e com ela tinham comunhão. Daniel e seus amigos provavelmente sabiam disso e se opuseram a, com suas vidas, sinalizar para uma aprovação a outro Deus que não fosse o seu único Deus.

O capítulo seguinte nos conta a história do sonho de Nabucodonozor. Para ser bem compreendido, precisa ser estudado em conjunto com o capítulo 7, onde lemos o relato do sonho de Daniel. Ambos trabalham com o mesmo significado. O rei Nabucodonozor, preocupado com o futuro, pois havia turbulências a seu redor, sonha e se assusta. Qual foi o meu sonho, pergunta que direcionou aos sábios do reino, mágicos e astrólogos. “Ó rei, vive eternamente, dize o sonho a teus servos e daremos a interpretação”, clamaram os assustados funcionários da corte. O rei não se dá por vencido e manda executá-los. A ordem incluiria Daniel, que, ao saber o que se passava, pediu que fosse solicitado um prazo ao rei para que ele, após consultar a Deus, obtivesse resposta agradável ao rei.

Pouco tempo depois, Daniel é levado à presença do rei e diz: “Há um Deus nos céus que fez saber ao rei o que será no fim dos dias.” Em resumo, o rei havia visto uma figura com: uma cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e costas de cobre, pernas de ferro, pés parte de ferro e parte de

barro e uma pedra que despedaça a estátua e se transforma em uma montanha.

No **capítulo 7**, Daniel sonha, já em outro reinado, e vê quatro animais: leão com asas de águia, urso com três costelas, leopardo com quatro cabeças, animal com dentes de ferro, 10 chifres de animal e um chifre pequeno. Se colocados lado a lado, a interpretação mais corrente é a que temos aqui o poder simbolizado. Em síntese, dentro do pequeno espaço de tempo que temos, diríamos que a sugestão mais encontrada na pesquisa para os dois sonhos é entendida como: a cabeça de ouro e o leão com asas de águia referem-se à **Babilônia**. O peito e braços de prata e o urso com as três costelas, falam do império **Medo-Pérsia**. O ventre e coxas de cobre e o leopardo com quatro cabeças, apontam para a **Grécia**. As pernas de ferro e o animal com dentes de ferro seriam o **Império Romano**. Os pés de ferro e barro e os dez chifres do animal, seriam dez nações, sucessoras do Império Romano: Os saxões, originando a nação inglesa.; os francos, que deram origem ao povo francês; os alamanos, dando origem à Alemanha; os visigodos, origem da nação espanhola; os suevos, dos quais se originou a nação portuguesa; 6. os lombardos, originando a nação italiana; os burgúndios, dando origem à Suíça; os hérulos, os vândalos e também os ostrogodos, povos que desapareceram.

Creio ser importante advertir a todos que tal interpretação não deve ser considerada como final. A evidência do livro é que Daniel estava – avisado e sendo avisado – de que haveria um tempo, que é o tempo do fim. Tentar interpretar e encerrar o assunto é perder o sentido do livro. É diminuí-lo. O fim não chegou com o final de tais impérios e a mensagem prossegue válida.

O **capítulo 3** nos apresenta a história da estátua de ouro construída por Nabucodonosor, diante da qual todo o povo foi conclamado a se curvar. Os companheiros de Daniel, que se recusaram a tal prática, foram lançados em um forno extremamente aquecido mas, salvos sem qualquer dano, foram usados para glorificar o nome de Deus. Vale destacar que tanto no

caso dos alimentos sacrificados aos ídolos quanto aqui, diante da estátua de ouro, o que se procurava era eliminar o culto a Deus, a adoração ao único Deus. O exemplo de resistência dos jovens até hoje nos emociona. Pouco mais adiante, quando Daniel foi lançado na cova dos leões, também era o culto a Deus que estava sendo questionado. A propósito, como anda o nosso culto a Deus?

Precisamos terminar e ainda temos diante de nós três importantes capítulos. No **capítulo 4**, após 43 anos de reinado, Nabucodonosor sonha e seu sonho pode ser lido no capítulo 4, a partir do versículo 4. Daniel interpreta o sonho, que se cumpre doze meses depois. O rei permanece agindo como animais durante sete anos, ao fim dos quais “levanta os olhos aos céus e diz: Tudo o que Deus faz é certo! É uma lástima, ouvintes, que tenhamos que sofrer tanto para chegarmos a única conclusão possível: tudo o que Deus faz é certo.

No **capítulo 5**, temos a história do banquete de Belsazar, acontecimento ocorrido em 539 aC, ano em que os persas dominaram os babilônios, 42 anos após a morte de Nabucodonosor em 563 aC. Belsazar, filho de Nabonido ou Nabônides, oferecia um banquete para mil dos seus nobres. Após algum tempo, manda que fossem buscadas as taças de ouro que haviam sido retiradas do Templo de Jerusalém, já destruído. Enquanto bebiam vinhos naquelas taças, a atenção do rei é chamada para uma parede onde estavam escritas as duras palavras: Deus contou os dias do teu reinado e determinou o fim. Foste pesado na balança e achado em falta. Teu reino foi dividido e entregue aos medos e persas. O capítulo narra o cumprimento da palavra do Senhor.

Os historiadores Heródoto e Xenofonte testificam que a cidade foi invadida mediante o desvio do Rio Eufrates e que os persas entraram na cidade em 11 ou 12 de outubro de 539 aC e encontraram o povo entregue a uma enorme bebedeira festiva.

Deixamos de considerar o **capítulo 6**, aquele que descreve a experiência de Daniel na cova dos leões. Mas, o que vimos já é suficiente para nos trazer à memória os dois

importantes destaques deste precioso livro: **o Altíssimo reina**. Este é um fato. E outro: **os santos do Altíssimo um dia herdarão um reino que jamais será esquecido**. Tais certezas devem nos acompanhar, até os tempos do fim. Amém.

Apoio bibliográfico:

DILLARD, Raymond B. LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova.

LA SOR, William S. et all. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova
SICRE, José Luís. Introdução ao Antigo Testamento. Petrópolis: Vozes.

SICRE, José Luís. Profetismo em Israel – O Profeta, Os Profetas, A mensagem. Petrópolis: Vozes.

ZENGER, Erich et all. Introdução ao Antigo testamento. São Paulo: Loyola.